

O estupro sob a ótica feminina: violência de gênero na literatura

Rape under feminine optica: gender violence in literature

Prof^a Dr^a Cláudia Maria Ceneviva Nigro¹
UNESP/São José do Rio Preto

Prof^a Ma. Juliane Chatagnier²
UNESP/São José do Rio Preto

Prof^a Dr^a Michelle Rubiane da Rocha Laranja³
Instituto Federal de São Paulo

Resumo: Nesse artigo discutiremos como o estupro é um construto da sociedade sexista realizado com a finalidade de controlar inseguranças e impotências de “homens e mulheres”, personagens de obras literárias. A violência do corpo tomado sem consentimento sangra incapacidades, impulsos e sonhos, e na ausência do empoderamento pelo discurso, sujeitos são e estão estuprados.

Palavras-chave: Estupro; Violência; Gênero; Literatura.

Abstract: In this article we will discuss rape as a construct of the sexist society realized with the purpose of controlling insecurities and impotences of "men and women", characters of literary works. The violence of the body taken without consent bleeds incapacities, impulses and dreams. In the absence of empowerment by speech, subjects are raped.

Keywords: Rape; Violence; Gender; Literature.

Cabe ao ser humano um infinito de possibilidades? Faz parte de sua escolha adotar a designação que eleger? Atados por arquiteturas elaboradas na civilização ocidental por séculos e propagadores do discurso hegemônico vigente, os sujeitos estabelecem-se como categorias: para alguns há o infinito, para outros a viabilidade da promessa esvai-se no contexto predeterminado.

¹ Livre Docente em Crítica Literária - professora adjunta da UNESP, de São José do Rio Preto. Docente no Programa de Pós-Graduação em Letras desde 2004. E-mail: cmcnigro@gmail.com.

² Mestre em Teoria da Literatura (2014) pelo Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas - IBILCE – UNESP, de São José do Rio Preto. Atualmente, é doutoranda pelo PPG em Letras na mesma instituição do mestrado.

³ Professora efetiva do Instituto Federal de São Paulo, campus São Paulo. Ministra aulas de Língua Portuguesa e Literatura em cursos do Ensino Superior, Técnico e Médio.

Nesse artigo discutiremos como o estupro é um construto da sociedade sexista realizado com a finalidade de controlar inseguranças e impotências de “homens e mulheres”, personagens de obras literárias. A violência do corpo tomado sem consentimento sangra incapacidades, impulsos e sonhos, e na ausência do empoderamento pelo discurso, sujeitos são e estão estuprados.

A liberdade de escolha sexual deveria ser um bem garantido por lei. No entanto, essa “lei” é violada por cidadãos que pensam ter o direito sobre o corpo do outro. Qualquer ato que obrigue alguém a praticar relações sexuais sem consentimento é caracterizado como estupro (do latim *stuprum*, ou relação ilícita).

Na Grécia antiga, tal crime é visto como algo vergonhoso e digno de punição: a princípio multa e, em seguida, acrescentada a pena de morte. No Egito, pune-se o estuprador por meio de mutilação. Porém, em toda antiguidade, um fato chama a atenção: para ser considerado “crime”, o estupro deve ter sido consumado apenas com mulheres virgens. As demais situações são totalmente descartadas. A legislação hebraica, por exemplo, castiga o homem, caso a mulher já seja prometida, mas, caso ainda não seja, obrigam-na a se casar com o estuprador. Triste realidade para as mulheres que, além de estupradas, carregam ao lado o peso de viver até o fim dos dias com o criminoso.

O código penal sofre alterações conforme a necessidade da sociedade, uma vez que, papéis de gênero são repensados. A princípio, compreende-se o crime como um atentado aos bons costumes: como dito acima, apenas mulheres puras são vítimas de estupros, pois há a violação contra a honra. Prostitutas, por já não serem castas, não. O fato de casar-se com a vítima também torna o agressor isento de punições, pois esta agindo de acordo com a instituição do casamento e, assim, reparando o “erro”. Vale lembrar também que forçar a esposa a manter relações sexuais não é enquadrado na lei, visto que cabe à mulher satisfazer as necessidades do marido, previstas no matrimônio. O estupro, conforme a própria etimologia, deve ser ilícito, fora do casamento.

A partir de 1990, é considerado crime hediondo, com pena de reclusão. Hoje em dia, o estupro configura-se como crime pela Lei nº 12.015, de 07 de agosto de 2009, e

vigora na categoria de crimes contra a dignidade sexual, segundo a qual “constranger alguém, mediante violência ou grave ameaça, a ter conjunção carnal ou a praticar ou permitir que com ele outro se pratique outro ato libidinoso”. A pena para tal crime varia de seis a dez anos de reclusão. Atos libidinosos e atentados violentos ao pudor também configuram crime de estupro. Seja contra a honra ou contra a dignidade sexual é válido lembrar que o estuprador pode não levar nenhum desses fatores em conta quando comete tal agressão. Assim sendo, faz-se necessário comentar a respeito do caráter violento da ação.

Estuprar alguém é invadir um corpo sem a permissão do outro. É um ato de violência gravíssimo, imposto por meio da força:

Então não é criminoso quem arromba uma casa pra se apossar do que tem dentro? [...] *Mil vezes pior é o criminoso que arromba o meu corpo.* Meu, meu! a coisa mais minha que existe; a minha morada verdadeira, do primeiro ao último dia da minha vida, o meu território, o meu santuário, o meu imaginário, o meu pão-de-cada-dia, e ele vai e arromba! Nem disfarça, nem se insinua: entra na marra. Só porque tem mais força. Não, não, desculpa, eu me expressei mal: força é inteligência, força é imaginação, força é saber trincar dente quando a dor é grande, ele entra na marra porque tem mais músculo, e por isso, só por isso ele me arromba, ele me rasga, ele me humilha [...] e ainda arrisca na saída de me deixar um filho que eu vou ter que arrancar, uma aids que eu nunca mais vou curar (BOJUNGA, 2010, p. 44, grifo nosso).

Acima, temos a descrição do estupro sofrida pela personagem Clarice, do conto *O abraço* (de Lygia Bojunga, 2010). Clarice é estuprada aos oito anos e, após a violência, é morta pelo agressor. Talvez a demonstração da invasão dos corpos de meninas, retratada por Bojunga, caracterize-se como um apelo à sociedade. Além de todo o perigo aos quais são expostas no estupro (dentre eles infecções, DST's e gravidez), na sociedade machista perdem o infinito: como não são mais virgens não podem se casar, chegando muitas delas a serem expulsas de casa, pois de alguma maneira, “pediram” para que a violência acontecesse. Clarice representa aqui a voz da tradição, ao mostrar que o estupro é uma imposição social que tira as possibilidades da vítima quando esta assume tal ordem e anula-se como sujeito de sua história.

Nota-se que, legalmente, qualquer mulher – seja ela branca, negra, criança, adolescente, idosa, deficiente, virgem, prostituta – está amparada pela lei, podendo fazer valer seus direitos quando necessário. No entanto, na prática, as atitudes não revelam justiça. A mulher estuprada sofre consequências a curto e longo prazo, conforme mencionado, e é, na maioria das vezes, culpada pelo ocorrido, por uma sociedade que marca, severamente, a vida da agredida e faz com que não consiga seguir em frente sem o peso daquele trauma. Ou seja, ao invés de ser vitimada e amparada, é julgada por uma sociedade patriarcal hipócrita, pautada em leis nas quais o homem não faz nada além de cumprir o papel de “macho”.

Ainda no conto “O abraço”, Bojunga também narra a história de Cristina, estuprada aos oito anos, como Clarice. No enredo, cuja narração mescla vozes e pontos de vista distintos, fugindo ao convencional, problematiza-se bem essa questão do destino marcado da mulher estuprada - cuja vida interrompe-se no momento em que é violentada – um corpo a quem se nega a possibilidade de futuro. Clarice, também representada pela figura da morte, desaparece logo após o estupro. Cristina, por sua vez, cresce com a imagem do “Homem Da água”, identificação do estuprador, na memória:

[...] eu ficava muito tempo parada, olhando pro nada feito a gente diz e, às vezes, quando o meu olho andava, ele via o olho da minha mãe me olhando, feito me perguntando, é *nele* que você tá pensando? Mas aconteceu uma coisa curiosa, sabe, eu não pensava acordada no que tinha acontecido, eu só pensava dormindo, quer dizer, sonhando, e quando a gente pensa sonhando o pensamento vira do *lado avesso*, não é? e a gente vê coisas que nunca tinha visto do *lado direito*. Então, em vez do Homem da Água, era a Clarice que eu encontrava nos meus sonhos. (BOJUNGA, 2005, p. 35).

A fusão entre o agressor e a melhor amiga, nos sonhos da protagonista, pode ser associada às sensações ambíguas sentidas no primeiro encontro, no qual também é chamada de Clarice. A descrição da cena do estupro mescla violência e delicadeza, denotando também a humanidade do agressor, frágil e, até mesmo, sensível, confundindo Cristina criança, despertando atração, medo, curiosidade, talvez também pena e cumplicidade.

Mas, às vezes, quando eu chorava, a voz chorava também, e chorava apertado, feito querendo sair de uma boca fechada com força, e meio chorando, meio falando, a voz dizia, eu não queria fazer isso contigo, Clarice, mas eu tenho que fazer, é mais forte que eu, é mais forte que eu...

Eu me lembro também do barulho de uma chuvarada caindo. E foi com essa chuva chovendo lá fora que a voz dele falou assim, eu te prometo, Clarice, eu te prometo que, desta vez, você não vai morrer no meu abraço. E me abraçou mais forte que das outras vezes e entrou mais forte dentro de mim (BOJUNGA, 2005, p. 31).

A lembrança dolorosa é apagada, restando, apenas, a sensação do abraço na memória - talvez como um mecanismo de autodefesa do trauma, ou até mesmo uma forma de mostrar que, apesar da agressão, a criança pode não consegue assimilar a ação como negativa, justamente por não ter conhecimento da gravidade socialmente instituída. Talvez seja por isso que muitas filhas não denunciem seus pais: confundem-se amores...

Cristina sofre a violência e a reflete enquanto adulta, mostrando certa obsessão pelo estupro. Aqui, percebe-se que Bojunga inverte os fatos e coloca uma situação perfeitamente possível e conhecida como “Síndrome de Estocolmo”.⁴ Nela a vítima se envolve emocionalmente com o agressor, inconscientemente, numa tentativa de fugir da realidade perigosa e violenta a qual é submetida. Sendo assim, temos uma forma diferente de reação. Cristina não toma para si o peso do estupro. Como as personagens do conto “A Bela e a Fera” e do filme “Ata-me”, de Pedro Almodóvar, também deseja o algoz, mesmo liberta, mas sabe que a escolha não é aceita pela sociedade, gerando dúvida em uma das protagonistas.

Mas, sabe, na hora que o encontro aconteceu eu saquei: o que eu tinha pensado que era cansaço não era: *era a minha perna amolecida, era o meu peito pesando*; e o que eu tinha pensado que era vontade de beber qualquer coisa também não era: a minha sede continuava, a minha

⁴ Referência a um assalto em Estocolmo, de 23 a 28 de agosto de 1973, no qual as vítimas defendem seus raptos. O termo é adotado por muitos psicólogos no mundo todo, mas não consta entre as patologias psiquiátricas oficiais, sendo também considerada um mito urbano.

salivação aumentava; e o que eu ainda não tinha pensado que era eu comecei a pensar: *era tesão dele*.

E aí, claro, o parafuso emparafusou mais: eu não podia sentir o que eu estava sentindo [...] (BOJUNGA, 2005, p. 58, grifo nosso).

Por meio de conversas com uma mulher misteriosa, que assume a identidade da amiga Clarice, talvez representando a própria consciência, Cristina tenta lutar contra o sentimento ambíguo, e busca compreender a gravidade do que ocorrera. Entretanto, não consegue livrar-se da obsessão pelo homem e afirma sentir "tesão". Ou seja, quebra qualquer expectativa social de que a mulher deva recolher-se ao fardo de viver manchada pelo abuso.

A violência aqui repensada por Cristina e, ao mesmo tempo, desejada, acaba por fazê-la sofrer novamente a agressão. No entanto, a partir da descrição a seguir, é possível notar que Cristina-adulta procura reviver a experiência da Cristina-criança na infância:

[...] O jardim já vai se desmanchando na escuridão, mas Cristina ainda vê uma gravata (cinzenta?) saindo do bolso vermelho. Quer gritar de novo, mas a gravata cala a boca do grito, e já não adianta o pé querer fincar no chão nem a mão querer fugir; o Homem domina Cristina e a mão dele vai puxando, o joelho vai empurrando, o pé vai castigando, o corpo todinho dele vai pressionando Cristina pra matar. Derruba ela no chão. Monta nela. O escuro toma conta de tudo. O Homem aperta a gravata na mão feito uma rédea. Com a outra mão vai arrancando, vai rasgando, se livrando de tudo que é pano no caminho. Agora o Homem é todo músculo. Crescendo. Só afrouxa a rédea depois do gozo (BOJUNGA, 2005, p. 79-80).

É possível perceber, no entanto, que, para a protagonista, a mescla de medo e fascinação pelo Homem da água, faz com que não assuma papel de vítima da situação e procure pelo algoz e sofra as consequências de seus atos: "O Homem aperta a gravata (...) Cristina mal consegue tomar fôlego: já sente a gravata solavancando pro pescoço e se enroscando num nó. Que aperta. Aperta mais. Mais" (BOJUNGA, 2005, p. 82). O nó da gravata não interrompe apenas as expectativas de Cristina, mas, diariamente, enforca

sonho de mulheres distintas, em todos os lugares, que são obrigadas a conviver com a falta de respeito de diversos Homens da água.

Em âmbito nacional, os casos de estupro têm aumentando, visto que a cada onze minutos uma mulher é estuprada.⁵ Estas são as estatísticas registradas, pois muitos casos de violência não são denunciados: ou por medo das ameaças do agressor; ou por medo de humilhação e constrangimento perante os conhecidos. Casos assim comprovam ainda mais a existência de uma cultura do estupro, na qual, hoje em dia, a mulher, ou qualquer outra vítima, é sempre culpabilizada, não importando a situação. É sabido que os gays, as lésbicas, os transexuais e os transgêneros também sofrem tal exclusão. No entanto, aqui, optamos por mostrar o estupro feminino e como isso se dá pautado no discurso da tradição sexista.

Pode-se dizer que, ao receber uma denúncia de estupro, a vida inteira da mulher é investigada, todo o passado e qualquer deslize que possa ter vindo a cometer é exposto, procurando-se assim uma justificativa: a roupa curta, estar sozinha à noite em local escuro, o agir de forma sensual, enfim, vários discursos que colocam a mulher no papel de vilã da violência perpetrada. A cultura do estupro faz-se em comportamento machistas, perpetuado por uma sociedade sem defesa e sem respeito, propagada tanto por homens quanto por mulheres. Uma sociedade que, mesmo estando em pleno século XXI, insiste em colocar a mulher em posição desfavorável, mantendo uma hierarquia que já deveria ter desaparecido.

Essa hierarquia, baseada em um discurso androcêntrico e misógino, dá-se graças ao caráter dual presente na relação sexo/gênero. Sabe-se que a imposição de ideias essencialistas, fundadas na categoria do sexo, continua a responsável por colocar a mulher em uma situação desfavorável perante o homem. Basta lembrar que grandes filósofos, como Aristóteles (*apud* CARVALHO, 2010), utilizam-se de diferenças biológicas (ou anatômicas) para considerarem a mulher um ser inferior – ou um ser de emoção, como diria Kant. Carvalho (2010) critica essa posição machista e essencialista,

⁵ Dado fornecido pela BBC. Entrevista encontrada em <http://www.bbc.com/portuguese/brasil-36401054>

que faz o biológico se tornar ontológico, e justifica, graças à naturalidade deste fato, que o homem sempre será superior, não cabendo à mulher chance de superação:

A tese essencialista, sistematizada por Aristóteles, foi assumida e defendida, ao longo da história da filosofia, recebendo novas formulações, mas sempre servindo ao mesmo propósito original, qual seja, apelar para “o natural”, “o que não pode ser mudado” para justificar a eterna permanência de situações criadas, que convém a um grupo perpetuar (CARVALHO, 2010, p. 84-85).

Diz-se que a vida copia a arte. Mas, quando se fala em perpetuação de uma cultura do estupro isso não procede! Escritor@s contemporâne@s têm feito da literatura um espaço de discussão e questionamento desta cultura que tanto humilha mulheres. Enquanto na vida real, elas são caladas, culpadas e ridicularizadas após serem violentadas, na arte literária têm voz e podem transmitir a dor desta invasão ao contar, poeticamente ou ironicamente, experiências. Há diferentes vozes e, logo, diferentes perspectivas sobre essa violência. No entanto, todas, em suas particularidades, ganham força em um movimento, modificando o pensamento misógino que tem corrompido tantas vidas.

A resistência a esse pensamento misógino pode ser encontrada na protagonista Carolina, de *Retratos de Carolina*, também escrito por Bojunga. A personagem não tem uma trajetória fácil: é violentada sexualmente, tem uma gravidez indesejada e sofre um aborto. Porém, essa sequência de fatos tristes não é, de todo modo, considerada negativa na perspectiva de Carolina. A violência que se inicia com ameaças, seguidas de agressão física, tem seu ápice no estupro, mas não termina nele:

– [...] e aí ele foi tirando a minha roupa, e me abraçando, eu vi que ele estava superbebido e disse que não, tô cansada, eu quero dormir, me deixa em paz, ele disse que não, eu disse me deixa! e quando eu quis fugir dele, ele me pegou à força e aí a gente se engalfinhou pra valer, eu esperneava, eu dava pontapé, eu unhava, eu mordida, mas ele é grande, não é, pai? mesmo assim, com aquela porrada de uísque dentro dele, ele é forte, abriu minhas pernas na marra, e quando eu disse que ele estava me estuprando, ele achou até graça: perguntou se eu tinha esquecido que eu era casada com ele. (BOJUNGA, 2008, p. 124-125).

O homem, intransigente e brutal, trata o corpo da esposa como posse. Mesmo após as agressões, a mulher sente-se presa à relação, numa paralisia típica de quem não tem opção de mudança. Muitas mulheres são educadas sob padrões severos (morais e religiosos, por exemplo) ou destituídas do poder, acreditando na necessidade de aprender a conviver com o parceiro para sobreviver. Sentem-se culpadas ou envergonhadas diante da sociedade e do companheiro, além de serem incompreendidas, julgadas, e repreendidas: não enxergam as amarras psicológicas que as prendem. Todos esses fatores, aliados às falhas na ação do Estado para garantir proteção e assistência, são responsáveis pela continuidade da situação de violência contra a mulher.

Carolina, violentada pelo marido, opta pelo aborto e decide, finalmente, abandoná-lo, lutando contra o sentimento de medo e de culpa aprovados e imputados pela sociedade. O discurso da tradição é bem evidente na fala de sua mãe:

Você mata o seu filho, você se separa do teu marido, você se recusa a morar com sua mãe, você despreza uma casa simples, mas confortável (a minha, do seu pai, a nossa casa) e uma casa luxuosa (a do seu marido) pra se enfiar nesse... nessa coisinha aqui, e você acha que eu posso entender uma atitude dessas? Nem eu, nem ninguém! (BOJUNGA, 2002, p. 144).

É possível observar a mãe muito apegada às convenções sociais estabelecidas, ditando normas machistas como, por exemplo, a que depois de sair dos domínios do pai, automaticamente a mulher deve se submeter a um marido que será, antes de tudo, seu dono. No início da trama, Carolina ainda apresenta este comportamento já que se declara totalmente "cega" pelo marido:

[...] é isso mesmo que me está acontecendo, eu estou cega pro resto: só vejo ele; eu estou confusa demais: nunca pensei que meu primeiro amor por um homem fosse pegar esse feitiço; eu me sinto arrastada pelo olhar dele, pelo jeito dele, pelo cerco dele [...] eu me sinto arrastada por ele, confundida por ele, cegada por ele, ah, pai: paixão (BOJUNGA, 2002, p. 89).

No entanto, as coisas mudam. Carolina, por sua vez, liberta-se do pensamento tradicional e opta por não assumir o peso de uma violência sexual. Para ela, a separação e o aborto constituem-se formas de alcançar o infinito, como se pode observar em: "- Ser dona da minha vida ... Com essa minha mão aqui ... eu vou fazer" (BOJUNGA, 2002, p. 159). Assim sendo, procura viver para si, invertendo mais uma vez os papéis impostos às mulheres.

Apesar de a igualdade ser um dos direitos garantidos na “Declaração dos Direitos Humanos”, quando pensamos em tantos problemas sociais causados pela intolerância às diferenças, sejam elas de cor, de raça, de religião, de gênero, entre outras, temos cada vez mais certeza de que essa lei não foi, e continua não sendo, seguida pelos poderes públicos, pela sociedade. Neste século, observa-se que o “princípio da igualdade” deixa muito a desejar. Como afirma Varikas (2009, p. 116): “princípio fundador dos sistemas políticos universalistas, a igualdade é, porém, uma das promessas mais inacabadas da modernidade”.

No que concerne ao campo da diferença de gênero, sabe-se que, como foi dito anteriormente, a desigualdade ganha forma a partir da tese essencialista, ou naturalista, que defende a superioridade do homem sobre a mulher com base na inferioridade natural e “inerente” da mulher, “pois, apesar de terem capacidade intelectual equivalente à masculina, não possuem autodomínio, não se governam a si próprias, logo devem ser dominadas e governadas por outros” (CARVALHO, 2010, p. 84).

Observa-se, assim, a diferença de sexos pautada, tradicionalmente, na perpetuação do domínio masculino, no qual as diferenças anatômicas são tomadas como constitutivas do ser, a fim de justificar uma superioridade natural. Toda a ideia relacionada ao discurso machista provém da antiga relação binária, e dual, entre sexo e gênero, na qual o primeiro está para a biologia, enquanto o segundo para a cultura. Como se pode observar abaixo, o sexo torna-se o responsável pela classificação natural dos papéis sociais, deixando claro assim a hierarquia dos gêneros:

Em outras sociedades, o sexo permaneceu sem questionamento; ficou incorporado ao plano da natureza e como o domínio da natureza está identificado ao universal, houve uma “naturalização” dos papéis atribuídos aos sexos, que se consolidaram, hierarquicamente, como se fossem da ordem do sexo comum, quando, na verdade, nele se abrigam a dominação, a opressão e a exclusão. [...]

A visão tradicional não faz discriminação entre sexo, gênero e sexualidade; trata-os igualmente. Entende que o macho biológico, por exemplo, “naturalmente” adquire as normas masculinas de comportamento postuladas pela sociedade; e neste sentido, sua sexualidade “naturalmente” decorrerá de sua produção hormonal (MOREIRA, 2003, p. 48).

Inexiste a diferenciação entre os termos. Nota-se que a instauração do discurso⁶ da tradição está presente desde os primórdios da civilização e, infelizmente, ainda não extinto dessa sociedade. É na tradição de superioridade masculina que o estupro é justificado. A mulher não tem outra saída, senão permanecer calada. Trevisan, no conto "Macho não ganha flor", reproduz essa "impotência", porém, de forma subvertida:

Pronto! Aquela mão suada me tapou a boca. E a outra afogava o pescoço.

— Não grite! Nem um pio. Que eu te mato!

Me empurrou contra a parede. Abriu com violência o roupão.

— Oba! Ai de mim, apenas calcinha e sutiã. Daí ele começou a fazer coisas. Me beijou o rosto, o pescoço, um seio e outro. Ui, que nojo.

Gemendo, se esfregava no meu corpo.

Todo vestido. Só abriu o zíper da calça.

— Faça tudo o que eu mandar. Bem quietinha.

Sem aliviar a mão esquerda no meu pescoço.

— Já matei uma. Não me custa apagar outra! (TREVISAN, 2007, s/n).

No trecho acima, observa-se o homem assumindo o poder e deixando a mulher sem saída: “bem quietinha” sobre ameaça, pois afirma já ter “apagado uma”. À mulher, no discurso da tradição, caberia o silêncio. Mas observamos não ser isso que acontece.

⁶Ao utilizar a palavra “discurso” adotamos o sentido de Butler que “está não apenas se referindo à ‘fala’ ou à ‘conversação’, mas especificamente às formulações de Foucault sobre o discurso como ‘grandes grupos de enunciados’ que governam o modo como falamos e percebemos um momento ou momentos históricos específicos” (SALIH, 2012, p. 69).

Trevisan joga com o leitor ao dar voz à protagonista que, ironicamente, expressa-se com expressões tanto de prazer quanto de asco: "oba!", "ai de mim", "ui, que nojo". Desta maneira, nota-se que o autor empodera a mulher e inverte as posições, uma vez que, ao reagir à violência com o silêncio, sem gritos ou reações, a protagonista faz com que o agressor se desarme e não atinja seu objetivo. Não consegue estuprar porque fica impotente:

Que desgraçado.
Colheu a última peça. Macho não ganha flor. Se olhou demorado no espelho. Ainda surpreso e incrédulo, gaguejante.
- Que porra. Isso nunca me aconteceu! (TREVISAN, 2007, s/n).

A reação contrária ao esperado, quebrando com a expectativa e deixando o agressor perplexo, lembra-nos o conto de Kafka, "O silêncio das sereias" (1984), no qual "para se defender das sereias, Ulisses tapou o ouvidos com cera e se fez amarrar ao mastro". Assim como Ulisses, os estupradores contam com a reação contrária das vítimas, com gritos de socorro e tentativas de fuga. A protagonista do conto de Trevisan, assim como as sereias de Kafka, no entanto, "têm uma arma ainda mais terrível que o canto: o seu silêncio". Aqui o silêncio faz mais sentido do que o barulho, o grito. Por meio do silenciamento encontra-se a possibilidade de destruir o ato violento e se reconstruir, deixando ao homem a posição de impotente. Assim, como em um jogo de espelhos, é possível inverter posições, mesclar sentimentos, e o fracasso não é construído como feminino, mas sim masculino.

Esse mesmo silenciamento ao qual a mulher é submetida, que geraria traumas profundos e marcas não apagadas pelo tempo àquelas que se submetem à posição ditada pela sociedade, é questionado pela protagonista que, novamente, ironiza o fato de se tornar indefesa frente aos demais:

Uma hora tinha se passado. Uma hora que, no relógio parado da memória, se repetiria em mil horas inteiras de tortura e terror. E pelo resto da vida quantas vezes seria eu, indefesa no sonho, o pasto de tal bicho espumante de raiva? (TREVISAN, 2007, s/n).

No texto mencionado, todos os problemas pelo qual a protagonista passa no relacionamento também são frutos da situação mal resolvida no passado:

O noivo, que me adora, apoiou sem reserva. Ao meu lado no desespero e no horror. Não perdeu a esperança. E me salvou de mim mesma.

Seis meses depois, casamos.

Deve ser problema meu, sei lá. O nosso relacionamento não está dando certo (TREVISAN, 2007, s/n).

Nota-se que, pelo discurso da tradição, a mulher deve culpar-se pelo fato de o relacionamento não dar certo. Essa postura é admitida em uma sociedade na qual mulher é culpada até mesmo por procurar ser estuprada. Não é de se estranhar que, como no caso acima, seja a responsável por um relacionamento fracassado. Porém, o interessante é que, mais uma vez a protagonista se sobressai e não se mostra preocupada com tais amarras sociais, já que assume ser seu o problema e ao mesmo tempo se distancia "sei lá".

A literatura, portanto, oferece às mulheres diversas possibilidades. Conceição Evaristo, por meio de suas escrituras, vem nos mostrar que o preconceito, no entanto, ainda é perpetuado e serve para embasar atitudes violentas, como o estupro. Em Isaltina Campobelo, Evaristo retrata os horrores da protagonista, lésbica, obrigada a sofrer para aprender a se encaixar nos padrões da sociedade machista e heterossexual:

[...] nunca poderia imaginar o que me esperava. Ele e mais cinco homens, todos desconhecidos. Não bebo. Um guaraná me foi oferecido. Aceitei. Bastou. Cinco homens deflorando a inexperiência e a solidão do meu corpo. Diziam, entre eles, que estavam me ensinando a ser mulher [...] (EVARISTO, 2001, p. 56).

O estupro nesse caso vem como forma de punição para a mulher que não se adequa ao que alguém julgou como sendo o papel feminino na sociedade. Afinal o que é ser mulher? É estar sempre abaixo do homem? É mostrar-se submissa e, desta forma, bem sucedida? Qual a diferença entre homens e mulheres?

A diferença que caracteriza homens e mulheres é, então, em si mesma, insignificante; sua importância determinante e socialmente estruturante é um efeito das relações de poder. “Não nascemos mulheres, tornamo-nos mulheres” (Beauvoir, 1949), a partir da dominação exercida pelos homens sobre elas, quaisquer que sejam as origens ou as formas dessa dominação e as razões que a tornaram possível. Não há então sexos, mas “classes de sexo” destinadas a desaparecer (COLLIN, 1999, p. 62).

Collin utiliza-se da frase de Beauvoir a fim de afirmar que as mulheres só se tornam mulheres por serem obrigadas pelos homens a agirem dessa forma. Isaltina não tem o conhecimento do que é "ser mulher", pois não se sente adaptada ao corpo. Sente-se confusa entre as similaridades com o irmão (que a fazem masculina) e com a irmã, (coisas de mulheres):

[...] Lembro-me que fui invadida por certo sentimento, que não sei explicar até hoje, uma sensação de estar fora de lugar. Eu via e sentia o meu corpo parecer com o de minha irmã e se diferenciar do porte de meu irmão. Eu já sabia que a história do sangue menstrual era nossa, isto é, de mulheres [...] (EVARISTO, 2001, p. 53).

Evaristo descreve o período de transição de Isaltina que ainda não tinha se “descoberto mulher”. No entanto, para ela, não havia problema, já que os "dias seguiam tranquilos. Eu era eu, uma moça a esconder um rapaz, que eu acreditava existir em mim. [...] (EVARISTO, 2001, p. 55). Para a sociedade heteronormativa essa atitude jamais é aceita e tal desvio da norma deve ser resolvido por meio de uma relação com um homem de verdade, conforme julga necessário um dos agressores, perpetuador do discurso da tradição:

[...] Ele sorrindo, dizia não acreditar e apostava que a razão de tudo deveria ser algum medo que eu trazia escondido no inconsciente. Afirmava que eu deveria gostar muito e muito de homem, apenas não sabia. Se eu ficasse com ele, qualquer dúvida que eu pudesse ter sobre o sexo entre um homem e uma mulher acabaria. Ele iria me ensinar, me despertar, me fazer mulher [...] (EVARISTO, 2001, p. 55).

A dominação masculina, a depender do lugar, ainda permanece. Essa dominação chega a ser tão cruel fazendo com que a mulher se culpe e se considere digna de punição por um comportamento fora do comum: “[...] Eu, até então, encarava o estupro como um castigo merecido, por não me sentir seduzida por homens. [...]” (EVARISTO, 2001, p. 57).

No entanto, Isaltina, assim como a personagem de Trevisan, consegue mudar a história e não aceita o rótulo de fracassada após ter sido violentada. Depois do estupro, vem a gravidez indesejada, um dos traumas causados pela violência, de acordo com o que vimos anteriormente. A protagonista, por sua vez, não se abala, rememora a cena do estupro, não para se diminuir, mas para fazer-se forte e assumir o papel de mulher/mãe.

[...] Nesse emaranhado de lembranças, lá estavam o meu corpo-mulher, a cena do estupro, minha filha nascendo. E, de repente, uma constatação que me apaziguou. Não havia um menino em mim, não havia nenhum homem dentro de mim. [...] (EVARISTO, 2001, p. 57).

A protagonista assume, então, as rédeas do destino e permite encontrar seu infinito no olhar de sua nova amante e única amante:

[...] Naquele momento, sob o olhar daquela moça, me dei permissão pela primeira vez. Sim, eu podia me encantar por alguém e esse alguém podia ser uma mulher. Eu podia desejar a minha semelhante, tanto quanto outras semelhantes minhas desejam um homem. [...] (EVARISTO, 2001, p. 57-8).

Isaltina deixa claro que se refez do abuso que sofrera, como é possível observar em “[...] eu nunca tinha sido de ninguém em oferecimento, assim como corpo algum tinha sido meu como dádiva. Só Miríades eu tive. Só Miríades me teve [...]” (EVARISTO, 2001, p. 58) e aceita sua identidade *queer* ao reconhecer em Miríades o amor de sua vida “[...] busquei novamente o olhar daquela que seria a primeira professora de minha filha e com quem eu aprenderia também a me conhecer, a me aceitar feliz e em paz comigo mesma. [...]” (EVARISTO, 2001, p. 58).

A desconstrução do sistema patriarcal é uma das principais características de Conceição Evaristo, que luta ferrenhamente contra a diminuição da mulher da sociedade. No conto analisado, é ainda mais subversiva, ao colocar o sucesso na formação de uma família homossexual no meio tradicional: “[...] tamanha foi a nossa felicidade. Miríades, Walquíria e eu. Minha menina, se pai não teve, de mãe, o carinho foi em abundância, em dose dupla. [...]” (EVARISTO, 2001, p. 58)”. O caminho de Isaltina é traçado em meio a muitas dúvidas, confusões e sofrimentos, porém Evaristo desconstrói os estereótipos citados acima de forma extraordinária. Mais uma vez, a mulher cuja margem já estava destinada, inverte as posições e se autorrealiza, provando que o infinito pode ser alcançado mesmo após a violência.

Há muitos textos abordando a violência de gênero sofrida por mulheres, desprezadas socialmente. Nas narrativas, por outro lado, além de serem citadas e colocadas em posição de protagonismo, ganham direito à voz, desvencilhando-se das estruturas de poder limitadoras. Compreendemos que a violência, enquanto dado sociocultural, deve ser analisada de acordo com o contexto em que se manifesta, levando em consideração as características mais sutis, responsáveis por torná-la única em cada situação. De acordo com Odália (1991):

A violência é um fenômeno social complexo. Não apenas pelos múltiplos sentidos que pode adquirir, mas também pela amplitude de aspectos a ela relacionados. Ao tentar defini-la, corremos o risco de fechá-la num esquema demasiadamente formal, na medida em que uma tipologia da violência pode ser tão rica e tão ampla, quanto as experiências que cada um de nós pode ter dela. Ela não é evidente por si mesma em todas as suas manifestações, algumas das quais são tão sutis que podem passar despercebidas ou adquirir condições “normais” e naturais no viver humano. (p. 85).

A violência estabelece-se nas sociedades por caminhos diversos e oblíquos, revelando injustas relações de poder entre os sujeitos, interferindo diretamente nas constantes (re)formulações identitárias. Quando institucionalizada, pode não ser percebida, conservando, pela valorização das hierarquias tradicionais, a subalternidade daqueles que padecem privação. Está claro que se torna relevante, dependendo de quem

a sofre, uma vez que muitos são ignorados e esquecidos ou, no pior dos casos, violentados com aprovação social, evidenciada pela reprodução de discursos de ódio.

Após a análise dos textos literários acima, é possível verificar que mesmo após as novas teorias de gêneros desabrocharem, as mulheres terem ganhado espaço na esfera pública, e alguns homens já estarem conscientes de que o machismo enraizado em nossa sociedade deve ser combatido, a violência de gênero ainda existe e em grande escala. A cultura do estupro, infelizmente, embasa o pensamento de muit@s. No entanto, o que noss@s autor@s procuram fazer é desestabilizar essa cultura por meio do empoderamento de mulheres que podem, sim, serem protagonistas de seu futuro e se autorrealizarem. Esse empoderamento é responsável por nos mostrar que, ao se conscientizarem da força que tem, as mulheres podem transformar a violência sexual sofrida em uma violência qualquer. De que maneira? Não assumindo para si o estereótipo de frágil e submissa. Lutando contra a imposição de um pensamento que limita a mulher à margem. Assim, após se empoderarem e descartarem o rótulo de vítimas, podem, finalmente, alçar o infinito de possibilidades que deve ser garantido a tod@s - sem distinção de gênero/sexo!

Referências

BOJUNGA, L. *O abraço*. 5. ed. Capa e vinhetas de Rubem Grilo. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2005.

_____. *Retratos de Carolina*. 4ª reimp. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2008.

BUTLER, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CARVALHO, M. P. F. S. A crítica de Judith Butler às normas que governam gênero e sexualidade. *Ethica*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, p. 81-92, 2010.

COLLIN, F. Teorias da diferença dos sexos. In: HIRATA, H. *Dicionário crítico do feminismo*. São Paulo: Ed. da UNESP, 2009. p. 59-66.

EVARISTO, C. Isaltina Campo Belo. In: _____ *Insubmissas lágrimas de mulheres*. Belo Horizonte: Nandyala, 2011.



KAFKA, F. O silêncio das sereias. Tradução de Modesto Carone. São Paulo: Editora Folha de São Paulo, 1984.

ODÁLIA, N. *O que é violência*. 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.

SALIH, S. *Judith Butler e a teoria queer*. Trad. Guacira Lopes Louro. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

TREVISAN, D. *Macho não ganha flor*. Rio de Janeiro: Record, 2007.

VARIKAS, E. Igualdade. In: HIRATA, H. *Dicionário crítico do feminismo*. São Paulo: Ed. da UNESP, 2009, p. 116 - 122.

Recebido em: 27/02/2017

Aprovado em: 10/04/2017